

Leituras de Michel Pêcheux sobre o efeito Saussure nos estudos da linguagem/*Michel Pêcheux's readings on the Saussure effect in language studies*

Washington Silva de Farias*

RESUMO

Neste trabalho, discutimos repercussões do efeito Saussure nos Estudos da Linguagem, a partir da revisão de alguns textos de Michel Pêcheux, o fundador da Análise de Discurso francesa. Três movimentos de leitura, girando em torno de questões saussurianas – a concepção de língua como funcionamento, a dicotomia língua/fala, as relações entre língua e equívoco – são analisados. Para caracterização desses movimentos, aqui denominados de *reconhecimento*, *contestação* e *ressignificação*, foram considerados três momentos da produção de Pêcheux, em que este faz referências diretas a Saussure ou ao saussurianismo (PÊCHEUX, [1969] 2010; PÊCHEUX, [1975] 2014; GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004). O estudo se inscreve no domínio da reflexão sobre a história da produção do conhecimento no campo dos Estudos da Linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Efeito Saussure; Michel Pêcheux; Linguística; Análise de Discurso.

ABSTRACT

In this work, we discuss repercussions of the Saussure effect in Language Studies through revision of some texts of Michel Pêcheux, the founder of the French Discourse Analysis. Three reading movements, turning around Saussurian issues - conception of language as functioning, language/speech dichotomy, relations between language and misconception - are analyzed. In order to characterize the mentioned movements, here called "recognition", "contestation" and "resignification", we have considered three moments of Pêcheux's production, in which direct references to Saussure or Saussurianism are made (PÊCHEUX, [1969] 2010; PÊCHEUX, [1975] 2014; GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004). This study takes part in the field of reflection on the history of knowledge production in the field of Language Studies.

KEYWORDS: Saussure effect; Michel Pêcheux; Linguistics; Discourse Analysis.

1 Introdução: Saussure, o CLG, suas leituras e leitores

Ferdinand de Saussure é uma referência inarredável na história de constituição e desenvolvimento da Linguística e das Ciências Humanas e Sociais de modo geral, tendo sido ao longo do tempo alvo de numerosas leituras e releituras. Em 2016, a publicação do Curso de Linguística Geral (CLG), a mais conhecida obra vinculada ao nome de mestre genebrino, completou 100 anos. Esse fato deu ensejo a comemorações, eventos e um grande número de publicações sobre *Saussure e o CLG*, expressão que, antes de indicar uma relação simples e evidente entre um autor e uma obra, encerra múltiplos significados, muitos “efeitos de sentido”, como se diz em Análise do Discurso.

* Doutor em Linguística. Universidade Federal de Campina Grande-UFCG. Campina Grande- PB, Brasil. washfarias@gmail.com

Pelo menos três leituras da relação entre Saussure e sua obra são possíveis. A primeira em que o CLG aparece como o lugar feliz de representação do pensamento saussuriano, possibilitado pela iniciativa de editores e ex-alunos de Saussure que o salvaram do esquecimento. Esta leitura/versão, por sua grande aceitação e intensa repetição em dezenas de manuais e de aulas de introdução à Linguística, na verdade, cristalizou uma vulgata que acabou por bloquear a busca pelo pensamento de Saussure na sua forma mais original.

A segunda leitura nos remete ao CLG como lugar de um engodo, de uma traição, sendo o Saussure do CLG um avatar do verdadeiro autor. Essa outra leitura decorre do questionamento sobre a forma de organização, seleções e até deformações promovidas pelos editores para dar forma textual aos cursos ministrados por Saussure entre 1908 e 1911, em Genebra, o que, contraditoriamente, teria resultado numa dupla negação do mestre: pela corrupção de seu pensamento, tendo em vista as imprecisões, ênfases indevidas, afirmações não pertinentes contidas no bem intencionado registro, ou pela denegação da singularidade do verdadeiro pensamento saussuriano, de algo que teria de “insuportável”, encobertos pela primeira negação.

Por fim, a terceira leitura é a do CLG como lugar de um reencontro do Saussure descaracterizado ou jamais encontrado, lugar de releitura e recomposição crítica de seu pensamento, resultante do confronto do *corpus* textual menos conhecido e estudado do autor, do qual emergiria um Saussure mais legítimo, mais íntegro, mais singular e até mesmo subversivo.

Neste artigo, abordamos uma das releituras de Saussure ainda pouco exploradas: a de Michel Pêcheux, que é também autor de uma instigante e intrigante reflexão sobre as questões da linguagem e das línguas.

Michel Pêcheux erigiu as bases de uma teoria e uma prática analítica sobre o discurso em relação estreita com os desenvolvimentos e desdobramentos das ideias saussurianas no campo da Linguagem, porém mediante uma relação de leitura densa e crítica, marcada por uma pluralidade de movimentos de interpretação, o que nos permite afirmar que o efeito Saussure¹ não tem uma leitura única e homogênea ao longo da obra de Michel Pêcheux. De fato, na análise do conjunto dos textos pecheutianos em que se faz referência a Saussure e ao saussuriano detectamos três movimentos de leitura, que denominamos de

¹ Entendemos aqui por “efeito Saussure” o conjunto dos movimentos e trajetórias de significação, em sua pluralidade e contradição, que emergem e se confrontam a partir de Saussure e das obras por ele produzidas ou a ele atribuídas.

reconhecimento, de *contestação* e de *ressignificação*. Esses movimentos, cabe advertir, não são propriamente cronológicos, mas discursivos, o que significa dizer que atravessam, em grande medida, no todo ou em parte, a obra do autor. Entretanto, para efeito de melhor compreensão desses movimentos, vamos apresentá-los, tanto quanto possível, separadamente.

De acordo com Gadet *et al* ([1990] 2010, p. 40-41), em todo seu trajeto intelectual – do projeto de *Análise Automática do Discurso* (PÊCHEUX, [1969] 2010) à publicação de *A Língua Inatingível*, na década de 1980 (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004), Michel Pêcheux sempre foi um leitor atento de Saussure, fazendo operar seus conceitos segundo “uma leitura informada, inteligente e pessoal”. Para os mesmos autores, a “convivência íntima” de Pêcheux com Saussure o levou a uma reflexão sobre três questões principais: o deslocamento promovido pelo linguista genebrino quanto à concepção de língua – da ideia de função para a de funcionamento; as implicações epistemológicas da dicotomia língua/fala e sua relação com a questão do discurso; o papel dos efeitos metafóricos (e do equívoco) na redefinição da noção de língua.

Na abordagem dos movimentos de leitura acima mencionados, levaremos em conta essa síntese teórica, rastreando como as questões colocadas foram desenvolvidas nos próprios textos de Pêcheux. Elegemos para isso, em especial, três textos pecheutianos nos quais se faz referência direta a Saussure e seus efeitos nos Estudos da Linguagem: *Análise automática do discurso (AAD-69)* (PÊCHEUX, [1969] 2010), *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (PÊCHEUX, [1975] 2014), *A língua inatingível: o discurso na história da linguística* (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004).

Três questionamentos principais orientam nossa revisão: Que leituras Michel Pêcheux faz do efeito Saussure? Que relação têm essas leituras com a constituição de uma teoria do discurso? Quais os movimentos de leitura do efeito Saussure ao longo da reflexão pecheutiana?

A partir dessa revisão teórica, acreditamos estar oferecendo uma pequena contribuição para melhor compreensão do desenvolvimento histórico das ideias linguísticas e discursivas e das relações teóricas entre a Linguística e a Análise de Discurso, estas ainda pouco exploradas.

2 Pêcheux “com” Saussure: reconhecimento

Para tratar do movimento de *reconhecimento*, tomaremos inicialmente como fonte o texto *Análise automática do discurso* (AAD-69) (PÊCHEUX, [1969] 2010), ensaio de apresentação do empreendimento teórico que posteriormente seria definido como a “primeira época” da Análise de Discurso (PÊCHEUX [1983] 2010).

Nesse ensaio, o efeito Saussure é discutido a partir de três desdobramentos: a) o “deslocamento da função ao funcionamento” que promoveu nos estudos da linguagem; b) a dominância nesses estudos de uma inclinação para o sistema e para as unidades inferiores à frase e ao texto, com o abandono do terreno das unidades superiores à frase e sua ocupação por métodos não linguísticos (pré-saussurianos) ou paralinguísticos (pós-saussurianos); c) a relação entre língua, metáfora e discurso.

Quanto ao primeiro desdobramento, Michel Pêcheux (MP) se refere ao Saussure do CLG como responsável por um “deslocamento conceptual” das posições teóricas da “ciência clássica da linguagem” para a moderna “ciência linguística”:

Até os recentes desenvolvimentos da ciência linguística, cuja origem pode ser marcada com o Curso de Linguística Geral, estudar uma língua era, na maior parte das vezes, estudar textos, e colocar a seu respeito questões de natureza variada provenientes, ao mesmo tempo, da prática escolar que ainda é chamada de compreensão de texto, e da atividade do gramático sob modalidades normativas ou descritivas. (PÊCHEUX, [1969] 2010, p. 59)

Nessa perspectiva, a ciência clássica da linguagem – que nos remete à tradição filológica mencionada na Introdução do CLG – teria sido uma “ciência da expressão”, na medida em que privilegiava os sentidos do texto e do autor, e uma “ciência dos meios de expressão”, dos recursos linguísticos (gramaticais, semânticos) por meio dos quais a expressão se realiza; a língua, por conseguinte, era um meio (instrumento) a serviço de um fim (expressão/conteúdo).

MP observa que esse modelo supunha uma “homogeneidade cúmplice entre a prática e a teoria da linguagem” (PÊCHEUX, [1969] 2010, p. 60), isto é, uma correspondência direta entre o objeto de conhecimento (o texto, o discurso, por exemplo) e os meios de seu conhecimento (“usos semânticos e sintáticos”). O deslocamento saussuriano teria provocado,

pois, uma ruptura com essa cumplicidade, possibilitando pensar a língua não mais como uma função ou um simples meio de expressão, mas como “um objeto do qual uma ciência pode descrever o funcionamento” (PÊCHEUX, [1969] 2010, p. 60). Para MP, esse é o “fato fundamental” do nascimento da ciência linguística, justificando o efeito-corte atribuído a Saussure.

A noção de funcionamento, no entanto, não tem *status* teórico específico em Saussure, tendo sido utilizada por MP em referência à discussão feita no CLG sobre a delimitação da língua como objeto da Linguística. Por isso, destacamos a seguir algumas conhecidas anotações do CLG que dão apoio ao realce da noção de funcionamento.

Na delimitação do objeto de estudo da “ciência Linguística”, duas questões são destacadas na argumentação de Saussure (CLG), uma positiva, outra negativa: a natureza singular da língua como objeto de conhecimento e a rejeição de sua abordagem como uma “nomenclatura”. De acordo com o CLG, nos estudos que antecedem a Linguística, a língua não era abordada em si, mas “em função de outra coisa, de outros pontos de vista”, estando com isso contornada ou obscurecida sua “natureza peculiar”, sua “verdadeira natureza”, que “escapa sempre, em certa medida, à vontade individual ou social, estando nisso o seu caráter essencial” (SAUSSURE, [1916] s/d, p. 24-25).

A desconsideração dessa peculiaridade da língua levava então a sua abordagem como uma nomenclatura, “uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas” (SAUSSURE, [1916] s/d), estando implicada nisso a suposição de “idéias completamente feitas, preexistentes às palavras” e de que “o vínculo que une um nome a uma coisa” constitui uma “operação muito simples”. Para Saussure essa interpretação “está bem longe da verdade”, pois a língua não se resume a um vínculo simples entre nomes e coisas, mas corresponde a “um sistema de valores puros que nada determina fora do estado momentâneo de seus termos”, em sua “solidariedade sincrônica”.

As posições saussurianas, assim, rompem com a “acomodação necessária entre os meios e os fins” mencionada por MP, já que:

a língua não se apresenta como um conjunto de signos delimitados de antemão, dos quais bastasse estudar as significações e a disposição; é uma

massa indistinta na qual só a atenção e o hábito nos podem fazer encontrar os elementos particulares. (SAUSSURE, [1916] s/d, p. 120)

O que define as unidades linguísticas, em Saussure, não é a inerência de uma substância, mas suas relações diferenciais, pois a língua “tem o caráter de um sistema baseado completamente na oposição de suas unidades concretas” (SAUSSURE, [1916] s/d, p. 124). O funcionamento a que se refere MP, portanto, diz respeito à concepção saussuriana de língua como um sistema de valores opositivos e diferenciais, resultantes de “comparações”:

O conjunto de diferenças fônicas e conceptuais que constitui a língua resulta, pois, de duas espécies de comparações; as aproximações são ora associativas, ora sintagmáticas; os agrupamentos de uma e de outra espécie são, em grande medida, estabelecidos pela língua; é esse conjunto de relações usuais que a constitui e que lhe preside o **funcionamento**. (SAUSSURE, [1916] s/d, p. 148, grifo nosso).

Ao explicitar a noção de funcionamento, MP recorre também à conhecida analogia feita no CLG entre a língua e um jogo de xadrez. Lembremos que, para Saussure, da mesma forma que no xadrez cada peça tem seu valor pela posição que pode ocupar no tabuleiro relativamente a outras peças, na língua os termos têm seu valor definido por sua posição relativa a outros termos, se constituindo assim por um jogo de identidade e diferença, cujas regras “sobrevivem a todos os acontecimentos” (SAUSSURE, [1916] s/d, p. 112). Analogamente, MP conclui que na língua “não se deve procurar o que cada parte *significa*, *mas quais são as regras que tornam possível qualquer parte*” (PÊCHEUX, [1969] 2010, p. 60, grifos do autor).

Um outro desdobramento do corte saussuriano, segundo MP, é ter conduzido à primazia do conhecimento do sistema da língua e de suas unidades-valores, porém com limitação às unidades inferiores à frase, tendo isso provocado o afastamento da Linguística das unidades superiores à frase. Tais unidades, referentes ao texto (o discurso) e sua significação, ficaram relegadas ao campo do não-pertinente, do residual, pois consistiriam em unidades que “não funcionam”, ou seja, que não poderiam ser apreendidas como um sistema, como um funcionamento.

A “inclinação” da Linguística para o sistema, desse modo, na avaliação de MP, teria deixado “a descoberto” um terreno abandonado, que ameaçava o corte: o terreno das unidades superiores à frase, do texto, dos sentidos e de suas questões, situadas no segundo campo da

dicotomia língua/fala, aquele desprezado por Saussure em nome da primazia da língua, do sistema².

O “terreno abandonado”, porém, não ficou desocupado. Ao contrário, foi alvo de investimentos empreendidos a partir de duas vertentes teórico-metodológicas: uma pré-saussuriana, de base psicológica e sociológica, cujos estudos “evitam o nível específico do signo”, negligenciando também a questão dos “efeitos de sentido” dos textos; outra pós-saussuriana, com abordagens diversas (Etnologia, Crítica literária, etc.), as quais reconhecem o deslocamento saussuriano da função ao funcionamento e buscam uma homologia epistemológica entre sistemas linguísticos e sistemas não-linguísticos.

Na segunda vertente, em especial, MP constata haver um paradoxo epistemológico: o apelo à Linguística para tratar de questões que dizem respeito ao terreno por ela abandonado, na pretensão de se efetuar, por uma segunda vez, o deslocamento da função ao funcionamento. Para ele, esse “segundo deslocamento”, no entanto, não teria se efetivado, ocasionando antes um reencontro da “homogeneidade cúmplice entre teoria e prática”.

Essas restrições funcionam como argumento para recolocação da questão do objeto de conhecimento superior à frase a que o pressuposto saussuriano do funcionamento poderia dar lugar e, ainda, de como se daria de fato seu funcionamento e sua relação com o conceito de instituição ou com a exterioridade da língua. Ao formular tais questionamentos, MP tinha em mente lançar as bases de uma teoria das unidades superiores à frase, de uma teoria do discurso.

É com esse intento que MP examina, ainda no mesmo texto de que estamos tratando, as implicações teóricas da dicotomia saussuriana língua e fala e da definição da língua como instituição, nos remetendo à problematização das duas exclusões teóricas que marcam a eleição da língua como objeto da Linguística: da fala e das “instituições não semiológicas”. Tratando desses temas, MP produz um movimento crítico de *contestação* do efeito Saussure, ameaçado pelo retorno ao subjetivismo e empirismo clássicos. Por outro lado, esse movimento o conduzirá as suas primeiras e produtivas formulações teóricas sobre o objeto *discurso*.

² Trataremos em maior detalhe desse movimento de *contestação* do corte saussuriano na próxima seção.

3 Pêcheux “contra” Saussure: contestação

Segundo MP, a “operação de exclusão” sobre o segundo termo da dicotomia língua/fala, que garante a cientificidade do objeto da Linguística, tem como consequência indesejada “a reaparição triunfal do sujeito falante como subjetividade em ato, unidade ativa de intenções que se realizam pelos meios colocados a sua disposição” (PÊCHEUX, [1969] 2010, p. 70). Logo, um retorno à perspectiva da ciência clássica: a língua como um funcionamento (um sistema) teria como “avesso indispensável” a liberdade do sujeito, o que restabeleceria, contraditoriamente, a continuidade clássica entre sistema e uso, entre meio e expressão.

A dicotomização saussuriana língua/fala consistiria, pois, numa operação contraditória, ao mesmo tempo de corte, de ruptura com um estado anterior de desenvolvimento dos estudos da linguagem, e de retorno a ele: a fala, “caminho da liberdade humana”, permite analisar a gradação das unidades da linguagem do fonema ao discurso como uma passagem “da necessidade do sistema à contingência da liberdade” (PÊCHEUX, [1969] 2010, p. 70), de modo que as unidades maiores da “língua” (linguagem) tenderiam a se libertar da coerção do sistema. Essa hipótese diz respeito, pois, ao problema da separação e da diferença entre a língua, a fala e o discurso.

Quanto a isso, MP indaga se se poderia, de fato, estender a toda a “escala” de fatos linguísticos os instrumentos da Linguística, dando ao “objeto da linguagem” uma feição una e homogênea. Tal hipótese, no entanto, é rejeitada, reiterando o autor que a “mudança de terreno” necessária à compreensão do domínio discursivo só poderia ocorrer mediante intervenção de conceitos exteriores à Linguística, o que reabre a discussão sobre as unidades deixadas de fora do campo desta.

Desse modo, entende MP que uma frase (um texto, um discurso, unidades “maiores” da língua) deveria ser analisada em referência ao “*mecanismo discursivo* específico que a tornou possível e necessária” em um contexto dado, a “um princípio explicativo exterior à língua” capaz de esclarecer “os efeitos sequenciais ligados à discursividade” das unidades maiores (PÊCHEUX, [1969] 2010, p. 72-73, grifo do autor).

Retornando assim à noção de funcionamento, MP conclui que não se pode analisar a linguagem como uma simples continuidade de níveis – como pretendido pela Linguística pós-

saussuriana – passíveis todos de investigação pelo mesmo aparato conceitual e metodológico, já que:

os fenômenos linguísticos de dimensão superior à frase podem efetivamente ser concebidos como um funcionamento, mas com a condição de acrescentar imediatamente que este funcionamento não é integralmente linguístico, no sentido atual desse termo e que não podemos defini-lo senão em referência ao mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto de discurso, mecanismo que chamamos “condições de produção” do discurso. (PÊCHEUX, [1969] 2010, p. 77-78, grifos do autor)

A noção de discurso, assim, na perspectiva de MP, parte da noção saussuriana de língua como funcionamento. Porém, no exame crítico que faz do CLG, há ao mesmo tempo um movimento de reconhecimento do efeito-corte e um movimento de contestação, visto que um ponto principal de fragilidade do empreendimento saussuriano – a noção de fala – é denunciado. Além disso, a partir desse exame crítico, MP produz ele próprio um novo deslocamento no campo da Linguagem, ao propor e elaborar o discurso como objeto de conhecimento, cujo funcionamento está constitutivamente ligado à ordem do social e do político, bem como à ordem das representações imaginárias sustentadas por relações de sentido apoiadas em “discursos prévios”³:

um discurso se conjuga sempre sobre um discurso-prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando *evoca* tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as ‘deformações’ que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido. (PÊCHEUX, [1969] 2010, p. 76)

Em *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (PÊCHEUX, [1975] 2014), MP aprofundará sua crítica ao caráter regressivo da noção de *fala* na teoria saussuriana e estabelecerá uma articulação inédita entre as noções de língua, valor e metáfora.

De modo geral, MP questiona, nesse livro, o que denomina como “as evidências fundadoras da Semântica”, dando maior detalhamento, sobretudo na Introdução e na Conclusão do livro, ao problema da relação entre as subáreas da Linguística (suas tendências) e desta com o Materialismo Histórico (“ciência das formações sociais”).

³ Referência ainda não elaborada à noção de *interdiscurso*.

MP argumenta que a Semântica se constitui como “o ponto nodal das contradições da Linguística” e de suas tendências teóricas: formalista-logicista (ex.: Chomsky, Filmore), historicista-sociologista (ex.: Brunot, Meillet, Weirinch, Labov) e empirista-subjetivista⁴ (ex.: Jakobson, Benveniste, Ducrot, Greimas). Para ele, o campo da Linguística, até aquele momento, havia se caracterizado por uma relação de dominância da tendência formalista sobre as demais, dominância esta apoiada na divisão saussuriana entre língua e fala.

O elemento incômodo da divisão saussuriana é então o fato de a fala, ligada ao exterior da língua, não ter um estatuto teórico relevante e consistente. O par língua/fala é regido por uma contradição fundamental: a língua, sendo um “sistema de signos” que se define de forma autônoma por suas relações internas, não é histórica, mas, ao mesmo tempo, se liga à fala, a dimensão da linguagem que traz à tona o sujeito e a história:

[...] a forma explícita que essa contradição toma é a de uma contradição entre sistema lingüístico (a “língua”) e determinações não-sistêmicas que, à margem do sistema, se opõem a ele e intervêm nele. Assim, a “língua” como sistema se encontra contraditoriamente ligada, ao mesmo tempo, à “história” e aos “sujeitos falantes [...]” (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 20, grifos do autor)

Os dois termos da dicotomia saussuriana, assim, não se articulariam constitutivamente, porém de forma contraditória e inconsistente, sendo a fala antes um “anticonceito”, “um tapa-buraco”, “o ponto de fragilidade do edifício saussuriano”:

a fala não é de modo algum o conceito de um elemento contraditório dialeticamente ligado ao conceito de língua [...]; a fala saussuriana é, bem ao contrário, o autêntico tipo de anticonceito, um puro excipiente ideológico que vem ‘completar’, por sua evidência, o conceito de língua, portanto um tapa-buraco, um remendo que oculta a ‘lacuna’ aberta pela definição de língua como sistematicidade em funcionamento. (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 221, grifos do autor)

Desse modo, MP argumenta que, não podendo tratar de forma conveniente essa contradição, a Linguística saussuriana estava “condenada a retornar para aquém do corte que a inaugura, por um tipo de ‘obstinação do recalçado’, cujo nó (que constitui seu mais fraco

⁴ Essa tendência, dada sua heterogeneidade, não tem uma denominação estável. Pêcheux ([1975] 2014, p. 19) diz que “se poderia chamar ‘linguística da fala’ (ou da enunciação, da ‘performance’, da ‘mensagem’, do texto, do ‘discurso’”. Optamos pela denominação “empirista-subjetivista” porque tem como objeto o uso da língua (como fala, enunciação, texto, comunicação, “discurso”), mas pressupondo um sujeito individual e consciente de seu pensamento.

elo) se situa na região semântica e se articula em torno do par língua/fala” (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 222).

Avaliando as pesquisas então contemporâneas no domínio da Semântica, MP retoma ainda a referência a Saussure para reafirmar que o efeito do corte contribuiu para reforçar naquele domínio as “ilusões substancialistas e subjetivistas” das teorias filosóficas da subjetividade (da “relação do sujeito com suas representações”, relação do sujeito com o pensamento):

Saussure deixou aberta uma porta pela qual se infiltraram o formalismo e o subjetivismo; essa porta aberta é a *concepção saussuriana de que a idéia só poderia ser, em todo seu alcance, subjetiva, individual*. De onde a oposição da subjetividade criadora da fala à objetividade sistemática da língua. (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 56, grifos do autor)

Apesar dessa crítica, MP não propõe uma quarta tendência para “resolver” a contradição língua/fala, o que significaria, na sua opinião, repetir os elementos dessa contradição, mas pensar, a partir de uma perspectiva materialista, as relações entre a Linguística e a História (Materialismo Histórico). Pretendia assim intervir na Linguística para “abrir campos de questões”, sobretudo no que respeita à problemática do sentido, que é o ponto de “retorno incessante” das relações da Linguística com o exterior de seu domínio, bem como de sua constituição como ciência:

.. se a Linguística se constituiu como ciência (primeiro sob a forma da Fonologia, depois, sob a forma da Morfologia e da Sintaxe), foi, precisamente, no interior de um constante debate sobre a questão do sentido, sobre a melhor forma de banir de suas fronteiras a questão do sentido. (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 78)

O modo de intervenção do materialismo sobre a Linguística seria problematizar os próprios domínios desta em sua relação com a filosofia idealista (as questões da ciência, do conhecimento, do sujeito, etc.) e a “ciência das formações sociais” (o materialismo histórico), mediante uma articulação particular entre Linguística, Filosofia e Ciência da História.

Essa articulação, porém, não poderia redundar numa indistinção entre os conceitos de língua e discurso, antes trabalhar suas complexas inter-relações: entende MP que a língua ou o sistema linguístico é “a base comum de *processos discursivos* diferenciados”, um “conjunto

de estruturas fonológicas, morfológicas, sintáticas”, “dotado de uma *autonomia relativa*” e submetido a “leis internas” (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 81, grifos do autor). A língua é então uma base neutra em relação aos sujeitos, que usam a mesma língua, mas não produzem os mesmos discursos. O discurso, por sua vez, é uma relação determinada entre língua – sistema linguístico relativamente autônomo – e história. Em termos marxistas, MP explica que a língua é “indiferente à divisão de classes e sua luta”, mas as classes não são indiferentes à língua, pois a utilizam de modo determinado nas suas lutas. Desse modo, não haveria línguas de classe.

MP conclui, assim, que a relação língua/discurso não é da ordem da fala individual, do uso do sistema nem da realização de uma função, como definiram os estudos clássicos: “a discursividade não é a fala (*parole*), isto é, uma maneira individual ‘concreta’ de habitar a ‘abstração’ da língua; não se trata de um uso, de uma utilização ou da realização de uma função” (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 82).

Portanto, a solução para os embaraços da dicotomia língua/fala e sua continuidade na Linguística pós-saussuriana estaria na adoção da perspectiva materialista das relações entre a língua e sua exterioridade. Duas limitações, no entanto, comprometeriam essa abordagem⁵: primeiro, considerar a exterioridade como uma simples referência às condições de produção sócio-históricas do discurso, sem levar em conta o jogo das formações discursivas e formações ideológicas em cada situação; segundo, pensar a língua em funcionamento (a “teoria comunicacional da linguagem”) como uma “teoria instrumental e pragmática” da atividade verbal entre sujeitos, em que a linguagem é tomada como “um *jogo* verbal no qual as subjetividades se afrontam em ato, buscando, umas e outras, *se pegar*, em todos os sentidos do termo: em suma, a luta de morte dos sujeitos-falantes” (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 231, grifos do autor). No primeiro caso, as condições de produção são apenas um apêndice do discurso (historicismo vago); no segundo, o discurso se coloca como um jogo estratégico de sujeitos totalmente conscientes, intencionais e simétricos, uma espécie de (inter)subjetivismo individualista.

Ainda no texto de *Semântica e Discurso*, dois desenvolvimentos interessam a esta nossa revisão a) um referente à relação entre significante e metáfora: as teses do “primado do significante sobre o significado” e “o significante como parte na interpelação-identificação do

⁵ MP fala em duas formas de não “ficar quite” com o materialismo.

indivíduo em sujeito”; b) outro sobre o papel dessa relação no estabelecimento do elo entre ideologia e inconsciente.

No primeiro caso, Pêcheux, seguindo Lacan, e indo de encontro às teses tradicionais sobre o signo, defende que o significante (que “não tem sentido”) determina a constituição do signo e do sentido (tese do *primado do significante sobre o signo e o sentido*), na medida em que funciona como elemento de uma rede de significantes dominada pelo fenômeno da *metáfora*, tomada esta no sentido lacaniano de uma relação entre significantes não dotados de sentidos prévios, que se confrontam e produzem efeitos de sentidos:

O sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição *por* uma outra palavra, uma outra expressão ou uma outra proposição; e esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (meta-phora), pela qual significantes passam a se confrontar, de modo que se “revestem de um sentido”, não poderia ser predeterminada por propriedades da língua (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 239-240, grifos do autor)

O efeito de sentido não é, desse modo, uma imposição, nem da língua nem da formação discursiva. O que temos é que as relações de metáfora, os deslizamentos constitutivos do (efeito de) sentido, se articulam em formações discursivas mediante processos variados:

O sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formações e sinônimos), das quais certa formação discursiva vem a ser o lugar mais ou menos provisório: as palavras, expressões e proposições recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem. (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 240)

Nessas formulações percebemos uma articulação complexa entre língua (metáfora, relações metafóricas, deslizamentos de sentido, confrontação de significantes), inconsciente (significante, rede de significantes) e ideologia (interpelação-identificação, representação). Essa ligação corresponde ao mesmo tempo a uma identificação do sujeito com uma formação discursiva (produção do sentido, efeito de sentido, evidência, captura) e a um deslizamento de sentido (relacionamento, superposição, transferência, produção do sentido no *non-sens*, desligamento).

4 Pêcheux “com” Saussure outra vez: a resignificação

Em *A língua inatingível: o discurso na história da linguística* (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004), há um novo deslocamento na leitura de MP sobre Saussure e seu efeito nos Estudos Linguísticos e do Discurso. Nessa nova leitura, Saussure é pensado não apenas a partir do CLG, nem unicamente de sua própria leitura nesse texto, mas também pela consideração de outra obra saussuriana – os *Anagramas* – e de outras leituras críticas de Saussure e do saussurianismo. A questão central será agora a do “real da língua”, suscitada a MP pelo encontro com o livro *O amor da língua*, do filósofo e psicanalista J-C Milner (MILNER, [1978] 1987).

Esse livro trata dos sintomas, em diferentes conjunturas teóricas da história da Linguística, da “ignorância” da Linguística quanto ao objeto que Milner denomina o real da língua, que se define por sua ligação com um “impossível” próprio da linguagem. Esse real da língua é tomado como objeto próprio da Linguística, porém ignorado, contornado ao longo de sua história teórica, tendo em vista o pretexto de construir, sob a aparência de um funcionamento científico, uma língua ideal, lógica, perfeita, resolvendo de vez “os obstáculos que entravam a ‘comunicação’ entre homens” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 21)

As questões do real da língua e de sua relação com Saussure estão colocadas, principalmente nos capítulos 1 (Linha reta, pêndulos, espirais...), 5 (O real da língua é o impossível), 6 (Dois Saussure?) e 7 (A irrupção do equívoco no real) do livro mencionado.

No Capítulo 5, que nos interessa mais de perto, Michel Pêcheux (MP) e Françoise Gadet (FG) assumem a proposição de Milner sobre o real da língua e sua relação com a Linguística. Desse modo, constatam que a tarefa da Linguística, tanto quanto a do gramático, foi sempre a de construir a “rede” do real da língua (o impossível), porém de modo que essa rede fizesse “Um”, ou seja, que se mostrasse como unidade, univocidade, regularidade, supondo “que o real é representável, que ele guarda em si o repetível, e que esse repetível forma uma rede que autoriza a construção de regras” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 53, nota 5).

Observamos nessas colocações um deslocamento da discussão da questão da “língua” enquanto funcionamento sistêmico para a questão do “real da língua” (da divisão da língua), em que novos conceitos entram em jogo na reflexão pecheutiana (real, impossível).

Como Saussure é (re)introduzido nessa discussão? Como se (re)coloca a questão do corte? Encontramos a resposta a essas perguntas no Capítulo 6 (“Dois Saussure?”⁶), em que a questão do real da língua é retomada. Nesse capítulo, esse real é definido como não costurado tal qual uma língua lógica, mas cortado por falhas (cujos vestígios são o lapso, o Witz, as séries associativas). O real da língua é, assim, o fundamento do espaço do repetível, que é a língua, e do equívoco que afeta esse espaço: “o que faz com que, em toda língua, um segmento possa ser ao mesmo tempo ele mesmo e um outro, através da homofonia, da homossemia, da metáfora, dos deslizamentos do lapso e do jogo de palavras” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 55).

Essa perspectiva se afasta da concepção de língua como sistema homogêneo, interpretação comum à vulgata saussuriana, para uma língua sujeita à falha e ao equívoco próprios do real da língua. Entretanto, isso não significa um rompimento com Saussure, mas uma releitura de seu gesto fundador. MP e FG atribuem à obra de Saussure o lugar inaugural do saber sobre a relação real e equívoco:

Esse saber sobre a relação entre real e equívoco inicia-se na obra de F. de Saussure, que constitui ainda hoje uma aposta na questão da linguística como ciência: o que nela foi inaugurado continua a se manifestar por efeitos paradoxais. (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 55)

O que nos interessa reter aqui é o fato de MP e FG darem ao “projeto saussuriano um novo significado”, vendo nele uma “configuração teórica singular, marcada pelo desenvolvimento de elementos contraditórios” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 55). Para demonstrar essa “configuração singular” de elementos contraditórios, eles analisam algumas proposições teóricas de autores que discutiram o núcleo do empreendimento saussuriano levando em conta a questão da primazia da arbitrariedade do signo ou do conceito de valor linguístico.

A primeira proposição (um Saussure “muito simples”), materializada nas lições do CLG, a obra “diurna” de Saussure, se resumiria na constatação de que a língua (sistema de signos) é regulada pela arbitrariedade do signo enquanto “efeito de convenções que ‘as relações sociais’ impõem à linguagem” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 56). Daí a

⁶ Essa pergunta não se refere à dualidade do Saussure da língua x da fala, mas à divisão entre o Saussure do CLG e dos *Anagramas*, que leva os autores à discussão da oposição entre ciência e poesia.

definição da língua como um “tesouro de signos”, cujo valor é determinado por sua circulação na comunicação, por seu valor de troca por coisas ou por outros signos. Ainda nessa mesma perspectiva, as relações de oposição entre os signos formariam uma rede, uma estrutura equilibrada e criativa (“potencialidade interna do sistema”), o que acarreta o apagamento da distinção entre o objeto real e o objeto de conhecimento. Contraposta a essa leitura, calcada no CLG, a obra dita “diurna” de Saussure, os *Anagramas*, sua obra “noturna” foi tomada em outras leituras como lugar de um “aniquilamento” da teoria do valor (Baudrillard, Kristeva). Essa divisão jogaria então “um dos dois Saussure contra o outro” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 57).

MP e FG, porém, também não aderem a nenhuma dessas posições, argumentando que “o saussurianismo não se divide assim”. Na leitura dos autores, essas formas de abordar a língua, na verdade, ao mesmo tempo fazem irromper e deixam travada a relação entre aquilo que colocam como o diurno e o noturno em Saussure, no caso, a relação entre a “ciência” e a “poesia”. A fim de esclarecer esse novo ponto de vista, eles retomam as “duas faces da obra saussuriana” e a questão do primado do arbitrário e do valor na interpretação dessa obra.

Na crítica que fazem à proposição do primado do arbitrário, MP e FG partem do artigo de Benveniste “Natureza do signo linguístico”, de 1939, em que se chama a atenção para o fato de Saussure ter feito referência a um terceiro termo implicado no conceito de signo – a realidade (substância) –, deslocando assim a discussão do signo da questão filosófica da arbitrariedade absoluta (relação significado/significante) para a relação entre signo e realidade.

Esse deslocamento situaria a questão do signo no terreno de uma “espécie de materialismo da realidade”, porém “exterior à reflexão linguística” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 57), à qual se restringiu à relação significado/significante como decorrência do “arbitrário relativo”, ou seja, à relação entre signos. Desse modo, o caráter relativo do valor, noção resultante da relação entre signos, não poderia se fundar na natureza arbitrária do signo, já que esta se define pela relação com um exterior. Benveniste, assim, teria restituído à noção de valor (relativo) “sua função cardinal na descoberta saussuriana” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 58).

A posição de Benveniste, ainda segundo MP e FG, é espelhada por Claudine Normand (1973), para quem a incompreensão da noção de valor do signo decorreria da ênfase

dada, nas leituras de Saussure, à dicotomia arbitrário/não arbitrário, fato que desviava a atenção do signo “relativamente motivado”, terreno do linguístico propriamente dito. O caráter relativo e relacional do signo, a rigor, não dependeria da arbitrariedade (absoluta). Portanto, é a noção de valor, e não de arbitrariedade, que teria uma “função cardinal na descoberta saussuriana” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 58).

A esse propósito, aliás, MP e FG observam, em nota, que nos manuscritos do CLG a questão do valor tem, de fato, preeminência sobre a do signo. Numa outra nota, do capítulo seguinte (Cap. 7, nota 2), toda essa discussão aparece exemplarmente resumida nas palavras de Normand (apud GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 66), reproduzidas nessa nota:

Continuar a fazer do arbitrário do signo a novidade saussuriana seria o mesmo, a nosso ver, que proceder por “deslocamento”, segundo o procedimento primário do inconsciente que, no sonho manifesto, acentua um elemento (acessório para o conteúdo latente) em prejuízo do essencial que permanece censurado: a definição do signo como valor, ou seja, como diferença, abrindo caminho para pesquisas materialistas sobre o trabalho do significante sentidas como perigosas para a filosofia dominante.

Partindo dessa compreensão do valor como “peça essencial” do “edifício” saussuriano, MP e FG afirmam ainda que a noção opera como “mecanismo não gestáltico interno à língua, próprio ao real desta última: o valor sustenta e, ao mesmo tempo, limita o arbitrário” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 58). Portanto, há primazia do valor sobre a arbitrariedade, o que significa que a língua é concebida como “rede de ‘diferenças sem termo positivo’ e o signo como “jogo de seu funcionamento opositivo e diferencial e não na sua realidade” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 58).

De acordo com MP e FG, esse funcionamento acarreta levar em conta o papel constitutivo do não-dito no pensamento saussuriano, evidenciado, sobretudo no “efeito *in absentia* da associação, em seu primado teórico sobre a “presença” do dizer e do sintagma” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 58). Nesse ponto, os autores fazem uma ligação original entre a teoria saussuriana e a abordagem psicanalítica de “alíngua”, do real da língua ao afirmarem que “o não dito é constituinte do dizer, porque o todo da língua só existe sob a forma não finita do ‘não tudo’, efeito da alíngua” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 58). A tese do valor, podemos concluir, não é um elemento de antagonismo inconciliável entre dois Saussure, mas de reunificação complexa entre o Saussure dos *Anagramas* e o do *CLG*.

Isso leva os autores a observar que a ideia do poético como “lugar de efeitos especiais” da linguagem não se sustenta, sendo antes “um deslizamento inerente a toda a linguagem”, “uma propriedade da própria língua” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 58)⁷. O valor, por fim, é um conceito relacional, opositivo e também subversivo, é o espaço de “um sistêmico capaz de subversão em que, no máximo, qualquer coisa pode ser representada por qualquer coisa” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 59), no qual o real da língua (alíngua) não está foracluído. E a evidência máxima desse efeito “subversivo” está no esquema associativo da palavra “ensinamento”, ilustrado no CLG, que, no seu quarto eixo, relaciona as palavras “elemento” e “justamente” (em francês “élément”, “justement”), uma ligação de ordem puramente acústica. Aqui reencontramos a ideia de metáfora, de deslizamento metafórico como o mecanismo fundamental da língua.

A interpretação da língua como sistema sujeito ao equívoco, ao deslizamento metafórico dá suporte assim à tese pecheutiana da primazia/dominância da língua (ordem do negativo, do absurdo, da metáfora) sobre o pensamento (ou, na sua forma negativa, da não complementariedade entre linguagem e pensamento), que delimita a forma de relação entre linguagem e inconsciente. Agora o que Saussure deixa em aberto não representa uma ameaça de retorno ao substancialismo ou ao subjetivismo, de recuo no desenvolvimento do conhecimento sobre a linguagem, mas uma promessa. Esse é o (novo) efeito revolucionário de Saussure (re)visto por MP e FG: uma abertura inquietante sobre o futuro da ciência da linguagem, e não apenas uma ruptura (efetivada ou fracassada) com o passado: “Saussure não resolve a contradição, invisível antes dele, que une a língua à alíngua: ele a abre, tornando-a visível” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 63).

5 Movimentos da leitura de Pêcheux sobre Saussure (Considerações finais)

⁷ “O poeta seria apenas aquele que consegue levar essa propriedade da linguagem a seus últimos limites” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 58).

Evidenciamos, ao longo desse trabalho, três movimentos de leitura, que correspondem a três diferentes avaliações feitas por Michel Pêcheux acerca do efeito Saussure nos estudos da linguagem e do discurso, descritos a seguir, a título de uma síntese.

O primeiro desses movimentos pode ser caracterizado como um movimento de *reconhecimento*, segundo o qual Saussure é apresentado como fundador de um novo campo de reflexão sobre a linguagem, a Linguística. Esse movimento se apoia sobretudo na tese do deslocamento da concepção de língua como função para a noção de funcionamento (efeito-corte), que marca o afastamento do empirismo e do subjetivismo no estudo da língua. Esse movimento produz o efeito de um Saussure revolucionário e tem como lugar material de representação o CLG.

O segundo movimento, de *contestação*, remete ao efeito de retorno provocado pela noção de fala que, por não ter sido elaborada teoricamente por Saussure, teria deixado aberta a porta para o retorno do empirismo e do subjetivismo, comprometendo também o desenvolvimento consistente do conceito de língua e suas implicações teórico-metodológicas no campo da linguagem. Esse movimento, a despeito das ressalvas do próprio Pêcheux, resulta numa imagem de um Saussure fracassado, que falha no seu intento revolucionário, um Saussure contra-revolucionário, um Saussure contra si mesmo, também identificado a partir do CLG.

Por fim, temos um movimento de *ressignificação*, em que a leitura do efeito Saussure ganha novos contornos, tendo em vista a exploração por Michel Pêcheux e Françoise Gadet da abordagem psicanalítica de J-C Milner sobre as relações entre Linguística e Psicanálise, a partir das noções de equívoco, impossível e alíngua. Nesse terceiro movimento Saussure é rerepresentado como uma “novidade insuportável” ao ter aberto o caminho para a reflexão sobre o equívoco como propriedade fundamental da linguagem, emergindo como um Saussure subversivo. Por seu caráter de novidade insuportável, no entanto, esse Saussure subversivo (do equívoco, da metáfora) é, paradoxalmente, constantemente ameaçado pelo retorno, renitente, do subjetivismo, do empirismo, do primado da significação e do arbitrário, bem como da ideia de fechamento do sistema: “O que, pelo saussurianismo, instituiu-se na língua por uma relação como real da alíngua, e passa a analisar seus efeitos, é constitutivamente ameaçado de derivar para uma descrição semiológica da realidade” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 59).

REFERÊNCIAS

GADET, F.; PÊCHEUX, M. *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. São: Pontes, [1981] 2004.

_____. *et al.* Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). *Por uma análise automática do discurso*. GADET, F.; HAK, T. (Orgs.), Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1983] 2010. p. 11-38.

MILNER, J-C. *O amor da língua*. Porto Alegre: Artes Médicas, [1978] 1987.

NORMAND, Cl. L’arbitraire du signe comme phénomène de déplacement. *Dialettiques*, n. 1-2. 1972.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1975] 2014.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69). *Por uma análise automática do discurso*. GADET, F.; HAK, T. (Org.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1969] 2010. p. 59-158.

_____. A análise de discurso: três épocas (1983). *Por uma análise automática do discurso*. GADET, F.; HAK, T. (Org.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, [1969] 2010. p. 307-315.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, [1916] s/d.

Recebimento: 15/09/2017

Aceite: 03/12/2017